



O recurso cinematográfico: uma contribuição para o ensino filosófico aos moldes de Gilles Deleuze.

Washington Luiz Sebastião Nunes

Resumo: O cinema como construto de uma prática de ensino, desenvolve ao longo do tempo, uma relação muito próxima com a filosofia. A perspectiva Deleuziana, traz uma consideração muito instigante ao unir a educação filosófica com o cinema. Este trabalho tem por objetivo, mostrar as contribuições dessa união do cinema e da filosofia. Com esses elementos, podemos perceber a sua contribuição para a prática do ensinamento em nossos dias, especialmente no retrato atual da filosofia nacional. Por isso, neste artigo buscaremos abordar a reflexão, a partir de dois princípios: o cinema dentro de uma perspectiva filosófica a partir da filosofia de Deleuze, usando como premissa a sua investigação seja a filosofia da representação ou a filosofia da diferença. E ainda, a sua aproximação na construção de uma filosofia própria, com enfoque cinematográfico no Brasil. Pois, para a Deleuze, seu olhar à filosofia da força, atrelada ao conhecimento, em vista de formular uma filosofia da diferença; seu mergulho com relação às teorias do conhecimento de força, expressos no corpo (sujeito) e no objeto, soa como algo importante no seu caminho traçado, especialmente na representação cinematográfica, contribuindo para a educação do indivíduo. Assim sendo, este trabalho, deseja instigar a todos para uma integralidade entre o cinema, a filosofia e o processo educativo sempre tendo em vista a perspectiva Deleuziana. Como resultado deste espera-se depreender um entendimento apurado da ideia de Deleuze e de como a sua filosofia pode contribuir para a conjunção da filosofia e do cinema.

Palavras-Chaves: Cinema, Educação, Filosofia, Gilles Deleuze.

Introdução

A mídia nos últimos tempos tem crescido de forma que permite a sociedade adentrar em um ligeiro avanço de informações e conhecimentos. O recurso fílmico não é diferente, ele é capaz de trazer reflexões relevantes para o cotidiano das pessoas, este importante veículo da mídia aborda linguagens distintas que se encaixam para todos os públicos de diferentes maneiras seja pelos formatos, dispositivos ou interfaces. Neste sentido, o filme adjunto com a filosofia e a educação fornecem uma rica contextualização do filme perpassando para as filosofias de vida e permitindo um caminho educacional.

O cinema é um conjunto de fatores de fundamental importância para quem se aproxima, seja os que criam os filmes ou quem assiste cada um tem um papel considerável. Este recurso está em todos os ambientes de diferentes formas, por isso o seu importante realce na construção de um indivíduo. Ao estudar o cinema em uma perspectiva filosófica é possível identificar as reflexões atuais a respeito de assuntos diversos que se inserem no dia a dia. A filosofia ajuda as pessoas a encararem tais questões buscando em si respostas para tais problemas. Ao estudar este recurso pode ser feito um paralelo entre o filme e os questionamentos sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos. Tais relações destacadas anteriormente têm sido alvo de numerosas discussões visto que, é um campo de grande potência para a contemporaneidade explorar a partir dos problemas que afligem a existência humana.

É evidente que com essa evolução, e com a interdisciplinaridade muito presente na educação atualmente, se verifica uma troca de saberes e permitem uma troca de experiências independente das áreas que se estuda, pois, mesmo com as diferenças se compreenda que quando unidas as variadas formas de pensamentos elas conseguem fazer uma revolução no conhecimento. É interessante perceber que o recurso fílmico tem a capacidade de unir o pensamento, a fala, a escrita, o ver, o ouvir tudo isso em vista de um entendimento de uma situação da vida. É o envolvimento humano em busca de relações com outras pessoas. São os movimentos contínuos entre eu, tu e nós. Em um dado momento Duarte (2009) afirmou:

E isso se dá pela riqueza e polissemia da sua linguagem, a linguagem cinematográfica. É por esta razão, que essa vem conquistando cada vez mais pesquisadores; além de promover entretenimento, também pode ser uma fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, acrescentando ao cinema, a possibilidade de ser considerado campo de estudos. (DUARTE, 2009, n.p.).

A filosofia de Gilles Deleuze aqui sendo refletida, traz apontamentos interessante para o engajamento da filosofia na educação utilizando como meio facilitador de transmissão do conhecimento, o cinema e a sua força na vida de tantos homens e mulheres que utilizam este meio, seja para o entretenimento, para o estudo, ou para outros fins. Assim, para este filósofo a imagem tem muito a comunicar e transmitir uma mensagem precisa. Este trabalho quer mostrar de forma simples e clara algumas sinalizações quanto a filosofia Deleuziana e como ela toca a vida e os encaminhamentos da educação e de como a representação cinematográfica pode juntar forças para colaborar para a transmissão do conhecimento.

Depois desse percurso filosófico se pode perceber um aprendizado mais límpido do conhecimento filosófico brasileiro, com as suas especificidades e com as suas elucidações próprias, seus desafios e soluções. Pois, a filosofia e o cinema brasileiro, tem elementos peculiares e que unindo-os podem fornecer forças necessárias para um aprendizado aprimorado que garantem uma educação de qualidade.

Assim sendo, a filosofia e o cinema como forças basilares de uma transmissão de um conhecimento, oferecem meios de entendimento que facilitam a sua recepção naqueles que precisam depreender algum ensinamento. É evidente que o pensamento filosófico deve fazer parte da reflexão presente no meio cinematográfico e ambos compõem a pauta do sistema educacional, pois eles têm uma forma mais acessível de apresentar a realidade, seja a partir do pensamento ou da representação da realidade, tudo deve estimular uma aprendizagem sempre partindo das vivências e levando ao conhecimento teórico partindo da prática cotidiana.

1. O cinema dentro de uma perspectiva filosófica a partir da filosofia de Deleuze

A força cinematográfica vem ao longo do tempo ganhando força e espaço na vida das pessoas. Não obstante, esse elemento deve ser um norte muito presente na filosofia e no ambiente educacional, pois sabe-se que para o crescimento do saber é preciso instigar as fórmulas e os mecanismos que favoreçam a abrangência e o espaço de comunicação para que esse saber adentre na vida daquele que deseja assimilar o conteúdo oferecido.

A filosofia vem ao longo do tempo oferecendo espaços de comunicação e de transmissão de saberes, de igual forma, o recurso fílmico tem sido lugar de transmissão de ensino e aprendizado, seja para os espectadores ou para os agentes que elaboram esse recurso. Gilles Deleuze desenvolveu

uma filosofia muito apurada para tratar desses elementos e de como ambas as ciências podem colaborar para o conhecimento daqueles que querem apreciar estes saberes.

Segundo Reina (2014, p. 13) em um dado momento Deleuze “apresentará a ideia de que o bom cinema apresenta-se como uma instância que move o pensamento e que reflete sobre a natureza deste”, ou seja, é a construção do sentido filosófico que fornece os meios necessários para uma produção cinematográfica, esta deve trazer presente elementos que ajudem a refletir a partir da sua realidade, da natureza intrínseca que move a reflexão e apresentação daquilo que permite construir identidade e fornecer um entendimento diante de um dado assunto ou situação. Pois, não há transmissão de saber para perguntas que não foram feitas e não há sentido de escrever quando não há leitor, de igual forma, não faz sentido uma produção fílmica se não há quem veja. Se há produção é necessário que haja espectadores.

Essa produção, seja ela cinematográfica ou filosófica deve, atingir a necessidade humana, no tocante aos elementos que chame a sua atenção. Pois, para que a comunicação seja eficaz é justo que ambas as partes tenham feito a sua parte, isto é, se é uma produção de cinema – é justo que transmita uma mensagem acessível e preponderante. De igual forma, quem assiste, deve estar consciente da atenção a ser estabelecida para trás e construir uma reflexão frente ao que está sendo apresentado. Se algo fugir do que se estabelecer a mensagem não pode surtir o efeito esperado.

A compreensão do que se apresenta acima é muito interessante, visto que, o conhecimento está marcado por uma complexibilidade e de uma multiplicidade de fatores, a filosofia se encarrega desde sempre de buscar refletir estes elementos que são constructos da vida humana, se juntarmos isso a força do cinema em sua representação na atualidade, muito se pode fazer refletir e apresentar elementos de aprendizado nas escolas e trazer para a vida pessoal de cada indivíduo. Em certo momento Deleuze e Guatarri (1992) destacou:

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia "começa", possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão. (DELEUZE, GUATTARI, 1992, p.21).

As conceituações que elaboramos a partir da realidade nos mostram que não há algo fechado ou acabado, mas que estar se construindo, tudo isso é bastante filosófico, e porque não dizer cinematográfico, pois tudo é possível nestes dois grandes polos de construção de sentido e de elaboração de um ensino-aprendizagem. Quando se expõe essa ideia é evidente que na perspectiva deleuziana o cinema tem algo muito presente e que sua presença está marcada na representação e ilustração. Com isso, fica claro o desejo de transmitir uma ideia, uma conceituação a partir de elementos já estabelecidos a priori. Assim, Deleuze e Guatarri (1992) reforçou que:

O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.52).

Ao elaborar um conceito na filosofia é evidente que este não é o fim dele, mas, uma conjuntura de sentido, que pode fornecer inúmeros elementos que concordem ou não com a ideia primeira. Todas essas reflexões embasadas até aqui servem para mostrar a aproximação entre a filosofia e o cinema, ambos se servem da reflexão para construir um entendimento mais aprofundado e para construir significados que transmitam uma mensagem para aqueles que se servem da mensagem expressa. Na filosofia de Deleuze, se verifica que os conceitos chegam à reflexão a partir dos problemas que os acontecimentos adentram na experiência (REINA, 2014, p. 62). Dizer isto, é perceber que na realidade com que se insere, essa aproximação se origina de suas conceituações que servem para assegurar a sua filosofia. Todavia faz necessário uma busca de compreensão que se está querendo exprimir, e isto é nos tempos de hoje um grande desafio, tendo em vista a falta de assimilação da realidade e de uma compreensão mais abrangente do todo que se quer expressar, seja na filosofia ou nas inúmeras obras cinematográficas.

O entendimento da perspectiva de Deleuze e a sua aproximação com a filosofia, deseja imprimir uma reflexão que seja inerente à realidade presente, no tocante às vicissitudes históricas e filosóficas em que se encontra o indivíduo. Dizer isto, é adentrar numa esfera onde é possível refletir a realidade partindo do mundo cinematográfico. É um grande desafio, despertar o nosso pensamento para a partir do cinema tirar elementos de aprendizados e de contribuições educacionais para os que buscam na educação uma força basilar de construção de identidade para a sua vida.

Alessandro Reina (2014) traz um apontamento bastante preponderante ao expor o pensamento deleuziano:

A obra fílmica como propõe Deleuze (2007) é um “todo”, sua apreensão e caracterização filosófica manifestam-se a partir da unidade fílmica e não de sua fragmentação. O conceito imagem não é produzido por uma cena ou um bloco de cenas, mas pela totalidade da obra. Cabe lembrar que Deleuze (1992) coloca o conceito como uma complexidade que visa responder a um problema, não como uma palavra ou um único sentido. (REINA, 2014, p.65).

Este “todo” é elemento norteador para a assimilação da filosofia dentro de uma obra cinematográfica, que deseja desenvolver princípios de resultados para a prática educacional e para o engendramento das inúmeras áreas como elementos de assimilação de conceitos e de uma prática efetiva de elementos que ajudam nessa compreensão. Como se sabe, o cinema oferece inúmeras formas de ajudar na transmissão destes conhecimentos é preciso tornar esse mecanismo mais acessível nas escolas, e a partir disso, utilizar esses meios como gancho positivo nas escolas e universidades.

A linguagem do cinema é resultado de inúmeros conceitos e significados. Deleuze em suas obras, buscou elaborar suas teorias filosóficas fundamentado esses elementos a partir de situações que se desenvolvem e que tem um ensinamento a ser fixado na vivência do indivíduo, em um dado momento ele afirmou: “a essência do cinema, que não é a generalidade dos filmes, tem por objetivo mais elevado o pensamento, nada mais que o pensamento e como este funciona”. (DELEUZE, 2007, p. 203).

Dizer isto é perceber que a essência do seu pensamento não se encontra nos diversos mecanismos que podem ser utilizados na prática cinematográfica, e hoje, com o avanço da tecnologia sabemos que muito tem contribuído; mas é perceber o pensamento que permite o percurso da obra e a mensagem que se encontra nela, isto sim garante a funcionalidade e a integração do seu sentido de ser e de existir, enquanto princípio congruente e de objetivação. Reina (2014) aponta:

Deleuze (2013) afirma que o sujeito só busca a verdade quando se sente forçado a buscar a verdade. Por isso o filme para ser filosófico precisa violentar o pensamento do

espectador. Os filmes são constituídos por signos que deverão colocar-se como uma força de fora que conduza o espectador a pensar. (REINA, 2014, p. 75).

Dizer isto, é apropriar o elemento cinematográfico da filosofia, como meio de instigar a nossa mente a refletir, ou seja, pela reflexão podemos acessar a investigação de inúmeras questões sejam elas práticas do dia-a-dias, ou ainda, as aporias que permeiam a nossa existência.

Nesse sentido, vale a pena refletir um pouco sobre a filosofia da representação e a filosofia da diferença abordada por Gilles Deleuze, a seguir, podemos apreciar um pequeno entendimento deste autor sobre estas filosofias.

O cenário atual seja no meio cinematográfico ou em outros ambientes, querem tirar de cena esta conceituação, mas esta é inerente e nos ajuda a perceber os elementos principais da filosofia dentro do cinema, e de como pode ajudar no ensino seja a partir da realidade presente ou utilizando elementos preponderantes para instigar a representação e transmitir a mensagem que se quer passar.

Em sua tese, Reina evidenciou que “a filosofia da representação em Deleuze (2006) evidencia que a filosofia que em seu começo é incapaz de romper com as amarras do senso comum, sendo incapaz de pensar a diferença, é uma pseudofilosofia”. (REINA, 2014, p. 44). Dizer isto, é o mesmo que objetivar ou neutralizar a sua contribuição, não é fazer acontecer por si só, mas ser capaz de elaborar algo que represente e que toque a vida das pessoas, que seja capaz de gerar uma reflexão profunda no indivíduo. Pela representação cinematográfica, a filosofia deve agir no intelecto humano como uma força que promova uma reflexão e estimule a um agir para além de sua realidade.

Corroborando ao que fora destacado acima Ferronato (2010) destaca:

Tomada como objeto de representação, a diferença não aflige o pensamento, apenas o mantém ocupado com sua própria imagem. Assim, da mesma forma com a dúvida e com a certeza, o pensamento pressupõe tendência para o verdadeiro, mantendo-se preso à forma da representação pelo reconhecimento da distinção entre uma e outra. O que pode arrancar o pensamento de sua inércia é o encontro com o inusitado, precursor de uma coação que força o pensamento a sair de si e criar o novo. (FERRONATTO, 2010, p. 82-83).

Esse encontro proporcionado pela representação, busca nas pessoas uma força capaz de gerar uma reflexão e porque não dizer um ensinamento. O ensino, em suas práticas educacionais, deve aproveitar esses mecanismos para elaborar meios de transmissão de conhecimentos, especialmente na filosofia, pois, se faz necessários indivíduos capazes de refletir a partir da realidade em que vivem, buscando encontrar respostas que sejam capazes de provocar o meio em que se encontram e a partir disso conseguir propor novas maneiras de viver e agir.

É por isso, que a filosofia da representação é bastante importante para a construção da reflexão filosófica de Deleuze. É através da representação, que podemos ver a realidade e partir dela conseguir elaborar meios de reflexão e a partir disso transformar a realidade. O cinema desempenha muito bem esta filosofia, e ela têm muito a nos dizer, e aprendendo dela poderemos tirar proveitos que ajudam na reflexão e na vida em sociedade.

A filosofia da diferença, seria no entender de Reina (2014) “uma negação à possibilidade de uma “filosofia da diferença”, como Descartes (1973) fez ao colocar o “cogito” como princípio de sua filosofia” (REINA, 2014, p. 44), como bem lembrou Reina em seu trabalho. Não seria uma negação abstrata ou intimista da realidade, mas um modo de negar a realidade excluindo por si só os elementos que constituem uma realidade ou ainda, os princípios que são base para a identidade de seus elementos. Dizer isto, é perceber que não é na negação que percebemos que há diferenças, mas a diferença por si só mostra que não há iguais. A filosofia ajuda a compreender essas diferenças e o cinema tem o papel de mostrar em seus trabalhos formas de lidar com esses movimentos de diferenças, buscando gerar sempre uma reflexão diante da complexidade do assunto e dos elementos que constituem, principalmente nas suas problematizações e de como a reflexão pode ser aprimorada diante destes desafios.

Em síntese, se percebe que ambas as filosofias ajudam a perceber um espaço na filosofia que deve ser aprimorado e discutido, este trabalho busca mostrar uma visão, tendo como embasamento teórico o filósofo Gilles Deleuze, é evidente que outros desenvolve a mesma reflexão e fazem as suas críticas. O mais importante nesta reflexão, é a percepção de como estas filosofias podem ser exploradas e expostas como contribuição de uma mensagem que favoreça a reflexão filosófica e que consiga chegar aos cinemas e causar reflexão para todos que buscam neste meio audiovisual, um caminho que aguace o seu pensamento reflexivo.

2. A construção de uma filosofia própria, com enfoque cinematográfico no Brasil

A reflexão filosófica vem com passar dos anos ganhando enfoque e cenários diferentes, é evidente que com a evolução da tecnologia, a filosofia tornou-se mais acessível, como também outras ciências. O cinema também desenvolve uma força muito maciça nas vidas das pessoas, seja pelo seu acesso ou pelas inúmeras formas de acessá-lo. É evidente que esses dois modelos de transmissão de conhecimento e reflexão devem unir suas forças para a construção de uma sociedade cada vez mais reflexiva, criativa e consciente de seu papel na sociedade. Para que isto aconteça de forma satisfatória é justo que desde o início esses mecanismos sejam utilizados nas escolas e na prática do ensino, pois é a partir daí que construiremos indivíduos “pensantes” capazes de olhar ao seu redor e desenvolver juízos que facilitem a comunicação e o bem viver de todas as inúmeras esferas de um espaço que constituem as pessoas. Reina (2014) traz em sua dissertação um elemento muito interessante, a saber:

A filosofia está presente nos filmes, basta que ela seja encontrada lá. Nem sempre é preciso que os olhos estejam “treinados” filosoficamente (pela história da filosofia). Caso os olhos não estejam treinados, isso não irá impedir que o espectador seja capaz de construir uma reflexão a partir dos filmes, de filosofar, atividade essencial para a própria construção da filosofia, pois nem sempre o filosofar, tomado no sentido de uma reflexão profunda sobre algo, exige o conhecimento da história da filosofia. Muitas vezes ele surge de maneira inesperada como um estranhamento diante dos fatos vividos ou por intermédio de uma força que a imagem imprime sobre o pensamento. (REINA, 2014, p. 49).

A unidade entre cinema e filosofia, deve ser utilizada como meio de reflexão de construção de inúmeras identidades de indivíduos que sejam capazes de refletir a partir de sua realidade, e como resultado disso, perceber a força que se encontra em cada um deles como

Nesse sentido, a arte do cinema, pode fazer uma ponte para a filosofia e todas as questões pedagógicas, que dificultam o processo de aprendizagem, podem resultar favoravelmente para uma contribuição e melhoramento da educação favorecendo o ensino e sua inserção da arte de filosofar com a arte cinematográfica. Ao tratar da força do cinema dentro de uma reflexão Reina (2014) evidenciou:

O cinema por sua vez cria um mundo de ficção. No entanto, traz consigo possibilidades de reflexão que talvez nunca tenham sido problematizadas, pensadas ou realizadas na realidade pelo espectador que assiste a um filme. Assim, percebe-se que o cinema pode ir além do elemento motivador, impulsionando o espectador para a construção de uma determinada reflexão não experienciada ou não vivida no mundo real. Tal reflexão pode ou não caracterizar-se como uma reflexão crítica e por assim dizer, filosófica. (REINA, 2014, p. 42).

A reflexão trazida pela filosofia e que pode ser evidenciada no cinema, traz acenos de grande valia para a construção de um processo educacional que facilita a assimilação de conteúdos teóricos e práticos. Esses conteúdos ajudam a fixar uma reflexão e a partir dela fornece elementos que a pessoa pode levar para toda a vida.

Nesse ínterim, vamos tomar como exemplo norteador, os recursos cinematográficos produzidos no Brasil, e ainda, como tudo isso pode contribuir para uma melhor educação. A educação tem como prioridade a troca de conhecimento. As disciplinas devem estar conectadas umas às outras. A filosofia é a que sai nessa busca por ser a matriarca e dela emana todas as outras, porém, na contemporaneidade há uma distorção no sentido da educação, que se fragmenta e se torna imperfeita para os que transmitem o conhecimento como para os que o adquirem. É preciso que haja enfrentamento destas dificuldades e se quebrem essas barreiras para que a educação interdisciplinar aconteça e favoreça o conhecimento mútuo, pois se cada disciplina dando a sua contribuição já tem um bom resultado quando é aplicado coerentemente, ainda mais quando estas disciplinas se inter-relacionam, com certeza a cadeia do conhecimento se aprimora e fica mais consistente.

Ao ver um filme se podem observar na cena aspectos culturais que permeiam a situação fílmica, o mesmo acontece quando se ler um livro, vir uma obra de arte e assim por diante, baseado no filme se constata questões políticas que visam suscitar na sociedade uma aproximação do que se transmite no recurso. O cinema deve-se fazer presente no campo educacional, pois ele é um grande aliado na prática pedagógica em sala de aula, é por meio dele que se podem buscar reflexões diferentes da realidade local e tornar presente tais cenários e assim dar significação ao cinema como uma prática filosófica. É a filosofia que faz a ponte entre o cinema e a educação, por ela o ser consegue fazer uma reflexão consciente do meio em que se vive. Por meio das obras cinematográficas se entende o sentido da filosofia para os que buscam estudar através das teorias abrangendo as práticas basilares do desse entendimento. Vale salientar o que apresentou Marlucy (2008) em seu pensamento:

Imagens que viajam em uma velocidade que encanta e assusta. Imagens que vêm e vão de um território a outro com uma rapidez que impressiona. Imagens que mostram, expõem, formam, informam, contestam, fazem interagir. Imagens que nos enchem, preenchem, saturam, sem, muitas vezes, nos dar tempo para pensar. Imagens que nos fazem ver de determinados modos. Imagens que nos tocam e nos fazem sentir muitas sensações. Imagens que nos capturam. Imagens de diferentes tipos que vemos e que nos veem. Imagens *que fazemos*, produzimos, construímos. Imagens *que nos fazem*, nos constituem, nos formam. (PARAÍSO, 2008, p. 113).

Destaca-se acima a importância da imagem, isto é, como se reflete o cinema, a filosofia e a educação. Neste trabalho é oportuno refletir sobre a imagem, pois é ela que norteia tudo. A imagem é o princípio norteador do cinema e conseqüentemente do processo educativo de aprendizagem, tudo que se aprende passa por algum dos sentidos aqui por meio da imagem, é a maneira mais fácil de entender, pois nela vislumbramos o real sentido das coisas pelas cores, tamanhos, objetos, estilos, enfim tudo o que compreende a imagem. A nossa educação passa pela imagem, é uma educação visual seja por meio do cinema, televisão, pintura, desenho animado etc.

O recurso fílmico traz elementos cinematográficos como a imagem parada ou em movimento, som musical, ruídos (sonoplastia), sons da fala e escrita tudo isso é reflexo de um forte estudo das características culturais que se quer refletir no trabalho é baseado nisso que se apresenta uma filosofia para ser refletida por meio da prática educativa. Com isso, a vida real que se insere na ficção, ou melhor, o cinema usa o cotidiano para expressar o cinema os questionamentos oriundos da sociedade por isso que muitas vezes quem assiste se identifica com os filmes, pois neles se encontra um pouco da realidade de cada indivíduo que o assiste. Muitas vezes são apresentadas cenas e histórias reais, outras são mitos e lendas, mas independente do estilo é possível fazer um juízo de valor e trazer uma reflexão para a vida. Em âmbito educacional faz-se necessário um engajamento maior do filme nas salas de aulas e escolas, uma vez que a teoria se distancia da prática e o filme é uma prática das circunstâncias do meio em que se insere o ser humano com as suas alegrias, tristezas, dúvidas e certezas.

É pertinente o posicionamento deste autor ao refletir a realidade das imagens e símbolos em harmonia com a sensibilidade:

Contudo, apesar de vivermos em um mundo de imagens e símbolos, nem sempre estamos preparados para fazer a leitura destes. Nossa formação escolar e extraescolar estão centralizadas na palavra e deixamos de nos preocupar com a educação da sensibilidade, aspecto fundamental na formação do sujeito e, como consequência, da sociedade. (MELO, 2006, n.p.).

Evidentemente, é considerável o que apresenta o autor da citação, uma vez que, o objeto fílmico por si só tem sua função pedagógica, na maioria das vezes este recurso é apresentado separadamente ou isolado a um tema que se quer refletir, porém ele é capaz de anexar reflexões diversas sejam de cunho educativo, filosófico, social ou de uma reflexão pessoal. Esta é a beleza do filme favorecer uma reflexão a partir do meio em que se insere e partido deste meio dando sustentação às diversas filosofias existentes, aprimorando assim o processo educacional do indivíduo. Promovendo transformações no cenário social em que se inserem as diversas realidades e aprimorando o ensino e melhorando a aprendizagem. A metodologia do filme no ambiente pedagógico favorece uma nova cultura de ensino dado que, ela é diferente das utilizadas por muitos docentes. É diferente olhar desse ângulo, pois na maioria das vezes este recurso é visto como negativo, mas não é o recurso que é negativo e sim as metodologias aplicadas a ele. Neste trabalho é perceptível que se bem elaborado o trabalho com a aplicação do filme, estes apresentam grandes avanços para o entendimento das realidades de estudo ou mesmo de uma compreensão de si no ambiente de ensino.

Portanto considerando a importância do recurso fílmico no ambiente escolar, a escola além de favorecer o ensino tem por obrigação formar indivíduos conscientes de seu papel na sociedade, neste sentido se deve abusar de filosofias e meios que os tornem responsáveis para tais ações. Um meio muito forte aqui refletido é o filme, pois bem, que ele sirva de sinal para angariar nas pessoas uma consciência de seu papel no mundo contemporâneo.

Conclusão

A guisa de conclusão, este trabalho buscou fornecer os meios necessários de uma reflexão e o entendimento mais apurado da filosofia de Gilles Deleuze, como princípio de entendimento do recurso cinematográfico. O caminho feito fixou em perceber os acenos de Deleuze seja na sua filosofia da representação ou da diferença, e ainda, buscando em suas conceituações e significados, toda a sua filosofia como uma contribuição para o cinema.

É evidente que a filosofia e o cinema juntos desempenham uma força que toca a reflexão das pessoas e as fases capazes de examinar a realidade em que vivem, seja pela produção cinematográfica, onde busca na ficção, situações que pertencem à realidade e que voltar em uma forma de entendimento prático e teórico. Esses mecanismos corroboram ao ensino que deve estar bastante presente na vida dos estudantes que ao aprimorar as suas metodologias educacionais, podem exprimir conceituações e pensamento a partir da realidade em que vivem.

O ensino filosófico somado ao cinema, traz elementos que modificam a prática de ensino e que são construtos de uma contribuição que servirá para toda a vida. Diante das dificuldades que cercam o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, sejam os aspectos culturais, econômicos ou sociais, essas duas ciências juntas podem fazer chegar nos alunos o conhecimento mais puro de forma lúdica e que transmite uma mensagem e reflexão que ficará para toda a vida.

Portanto, que pela reflexão filosófica, o recurso cinematográfico seja uma constante na aprendizagem dos estudantes brasileiros. Que o estudo, seja uma prática prazerosa e que ela forme cidadãos conscientes e capazes de refletir a partir da realidade em que estão inseridos, pois a verdadeira educação acontece a partir dos momentos em que o indivíduo pode transformar a sua realidade e dela tirar os meios necessários de sua sobrevivência e bem-estar social.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. **Cinema II: a imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELLEUZE, G.; GUATARRI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: 34, 1992.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FERRONATTO, M. A. S.V. **A representação como limitação – crítica de Deleuze à noção de diferença ontológica em Heidegger**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 32, n. 1 p. 81-89, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceito e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 9, n. esp., p. 108-125, out. 2008.

REINA, Alessandro. **Filosofia e Cinema: O uso do Filme no processo de ensino-aprendizagem da Filosofia**. Orientador: Geraldo Balduino Horn. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, linha de pesquisa Cultura Escola e Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2014. Disponível: <>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

Autor:

Washington Luiz Sebastião Nunes

Bacharel em Filosofia pelo Claretiano – Centro Universitário. Pesquisador CNPq do Grupo de Estudos sobre Cinema e Ensino de Filosofia (GECEF) do Claretiano – Centro Universitário e é graduando do sétimo período do curso de Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

E-mail: washigtonluz61@hotmail.com.